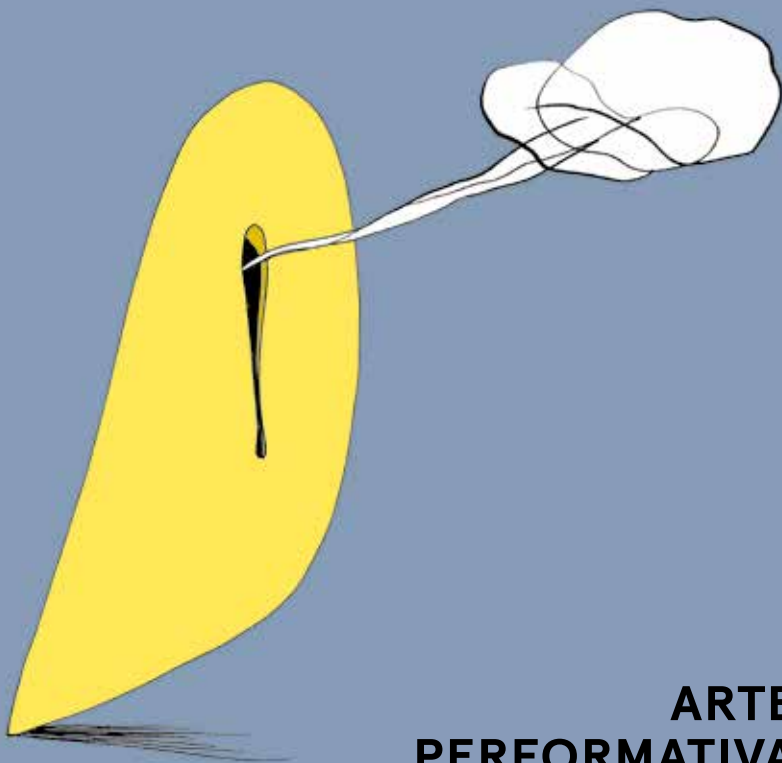


CCB

DIA MUNDIAL DA POESIA

OH, NÃO! LÁ VÊM OS POETAS DO COSTUME!

PROGRAMAÇÃO DE NUNO ARTUR SILVA



21 MAR 26

**ARTES
PERFORMATIVAS**

ATIVIDADE / PÁGINA

1

07

ROTEIRO PARA SE PERDER NO DIA MUNDIAL DA POESIA

UMA INTRODUÇÃO QUE PODE SER LIDA COMO UMA PROVOCAÇÃO
Nuno Artur Silva

Sala Fernando Pessoa
Piso 2
10h30 > 11h

2

24

FEIRA DO LIVRO DE POESIA

Receção principal
Piso 1
11h > 19h

3

08

VOZ, 75 VIDEOCLIPS A PARTIR DE POEMAS DA LITERATURA PORTUGUESA

Bengaleiro Norte
Piso 1
11h > 18h

4

09

PALAVRA FUTURO

Sala Luís de Freitas Branco
Piso 1
14h30 > 15h30
16h > 17h

5

10

AS ESCOLAS, AS ESCOLHAS. ESSA OUTRA (ESTRANHA) POESIA

Sala de Leitura
Piso 1
11h > 12h30

6

10

CONSTITUIÇÃO DA POESIA PORTUGUESA

Sala de Leitura
Piso 1
14h > 15h30

7

11

E SE DE REPENTE O ZEPPELIN DAS CINCO PASSASSE PELO BURACO DA AGULHA?

Sala de Leitura
Piso 1
16h30 > 18h

8

12

Exibição +12

PATERSON DE JIM JARMUSCH

Sala Almada Negreiros
Piso 2
11h > 13h15

9

12

O PONTO «G» PALPITA NO COSMOS: A POESIA DE ANTÓNIO CABRITA

Sala Almada Negreiros
Piso 2
14h30 > 16h

10

13

AMOR EM CHÁVENA FRIA – HISTÓRIAS DO MELANCÓMICO

Sala Almada Negreiros
Piso 2
16h30 > 17h15

11

13

ENCLAVE

Sala Almada Negreiros
Piso 2
17h15 > 18h30

12

14

ERA PARA SER UMA CANÇÃO

Sala Sophia de Mello Breyner Andresen, Piso 2
11h30 > 13h

13

15

100 ANOS DE LISBON REVISITED, DE ÁLVARO DE CAMPOS

PESSOA REVISITADO
POR LISBOA REVISITADA
Sala Sophia de Mello Breyner Andresen, Piso 2
15h > 16h

14

15

CANÇÕES DAS CIDADES

Sala Sophia de Mello Breyner Andresen, Piso 2
18h > 19h

15

16

OH, NÃO! LÁ VÊM OS POETAS DO COSTUME (COM AS CITAÇÕES DO COSTUME...)

Sala Fernando Pessoa
Piso 2
14h > 15h

16

16

A POESIA DE YVETTE CENTENO

Sala Fernando Pessoa
Piso 2
15h30 > 16h30

17 17

A POESIA DE ALBERTO PIMENTA

Sala Fernando Pessoa
17h > 18h

18 18

OUVI-TE LER AQUELE POEMA NAQUELE DIA E NÃO DESCANSEI ENQUANTO NÃO O ENCONTREI

Sala Maria Helena Vieira da Silva, Piso 2
11h30 > 13h / 14h30 > 16h
16h30 > 18h30

19 20

POEMA RISCADO

Sala Amadeo de Souza Cardoso, Piso 2
11h > 11h30 / 14h > 14h30
16h > 16h30

20 21

UMA CANÇÃO PARA OUVIR-TE CHEGAR

Sala Daciano da Costa
Piso 2
11h > 18h

21 22

CANTO DO LEITOR ANÓNIMO

Sala Vianna da Mota
Piso 2
11h > 18h

22 22

SALA DE LEITURA SILENCIOSA (COM AUSCULTADORES DE ONDE SE OUVEM POEMAS)

Terraço da Sala Vitorino Nemésio, Piso 2
11h > 18h

? 23

POEMACTO

4-5

CALENÁRIO DO EVENTO

26

BIOGRAFIAS

INFORMAÇÕES ÚTEIS

Entrada livre em todas as salas, sujeita à lotação máxima. Caso a sala atinja a capacidade máxima permitida, a entrada de novo público será suspensa até à saída de outros espectadores.

Recomendamos que chegue mais cedo para garantir um melhor lugar.

Para emergências ou assuntos de perdidos e achados, dirija-se à receção principal do CCB, Piso 1.

Filme *Paterson*, de Jim Jarmusch, permite a entrada a maiores de 12 anos.



ATIVIDADES QUE INCLUEM
LÍNGUA GESTUAL
PORTUGUESA

MEDIA PARTNER



HORÁRIOS	PISO 1					PISO 2	
	RECEPÇÃO	BENGALERO	SALA LUIS DE FREITAS BRANCO	SALA DE LEITURA	FOYER LUIS DE FREITAS BRANCO	SALA ALMADA NEGREIROS	SALA SOPHIA DE MELLO BREYNER
10H30 > 11H	2	3		5		8	
11H > 11H30	FEIRA DO LIVRO DE POESIA	VOZ 75 VIDEOCLIPS A PARTIR DE POEMAS DA LITERATURA PORTUGUESA		AS ESCOLAS, AS ESCOLHAS. ESSA OUTRA (ESTRANHA) POESIA		EXIBIÇÃO DO FILME PATERSON DE JIM JARMUSCH	12
11H30 > 12H							ERA PARA SER UMA CANÇÃO
12H > 12H30							
12H30 > 13H							
13H > 13H30					RÁDIO ANTENA 2	?	
13H30 > 14H				6			
14H > 14H30			4	CONSTITUIÇÃO DA POESIA PORTUGUESA		9	
14H30 > 15H			PALAVRA FUTURO			O PONTO «G» PALPITA NO COSMOS...	13
15H > 15H30							100 ANOS DE LISBON REVISITED
15H30 > 16H			4				
16H > 16H30			PALAVRA FUTURO	7		10	
16H30 > 17H				E SE DE REPENTE O ZEPPELIN DAS CINCO ...		AMOR EM CHÁVENA FRIA ...	
17H > 17H30						ENCLAVE	
17H30 > 18H							14
18H > 18H30				?			CONCERTO CANÇÕES DÁS CIDADES
18H30 > 19H						11	

SALA FERNANDO PESSOA	SALA MARIA HELENA VIEIRA DA SILVA	SALA AMADEO DE SOUZA CARDOSO	SALA DACIANO DA COSTA	SALA VIANNA DA MOTTA	TERRAÇO VITORINO NEMÉSIO	HORÁRIOS
ROTEIRO PARA SE PERDER NO DIA MUNDIAL DA POESIA 1		19 POEMA RISCADO	20	21	22	10H30 > 11H
	18 OUVI-TE LER AQUELE POEMA NAQUELE DIA E NÃO DESCANSEI ENQUANTO NÃO O ENCONTREI		UMA CANÇÃO PARA OUVIR-TE CHEGAR	CANTO DO LEITOR ANÔNIMO	SALA DE LEITURA SILENCIOSA (COM AUSCULTADORES DE ONDE SE OUVEM POEMAS)	11H > 11H30
		?				11H30 > 12H
						12H > 12H30
						12H30 > 13H
						13H > 13H30
						13H30 > 14H
15 OH, NÃO! LÁ VÊM OS POETAS DO COSTUME		19 POEMA RISCADO				14H > 14H30
	18 OUVI-TE LER AQUELE POEMA NAQUELE DIA E NÃO DESCANSEI ENQUANTO NÃO O ENCONTREI					14H30 > 15H
16 A POESIA DE YVETTE CENTENO		19 POEMA RISCADO				15H > 15H30
	18 OUVI-TE LER AQUELE POEMA NAQUELE DIA E NÃO DESCANSEI ENQUANTO NÃO O ENCONTREI					15H30 > 16H
17 A POESIA DE ALBERTO PIMENTA						16H > 16H30
						16H30 > 17H
			?			17H > 17H30
						17H30 > 18H
						18H > 18H30
						18H30 > 19H

DIA MUNDIAL DA POESIA 2026

Oh, não! Lá vêm os poetas do costume!

Programação

Nuno Artur Silva

Propomos uma celebração da poesia em língua portuguesa com a presença de poetas e leitores de poesia, atores, cantores e artistas vários. Instalações, projeções, transmissões e, sobretudo, leituras ao vivo, a solo ou coletivas – muitas formas para que a poesia possa ser escutada.

O CCB é neste dia uma casa feita de versos de poetas diversos e nela faremos uma celebração, não só da poesia que está nos poemas, e dos poetas que os escreveram, mas sobretudo da poesia que está do lado dos que leem os poemas ou dos textos que podem nem ser poemas, do lado dos leitores, e dos que a descobrem por acaso, se calhar, quando menos a procuram.

«A poesia não tem hora e lugar marcado. Não é pública nem mundana, mas secreta e incerta. A poesia pode não estar no poema anunciado: “Silêncio, que vamos ler poesia”. Tal como o humor, que pode não estar na anedota que se conta para fazer rir, mas antes, se calhar, no falhanço da anedota, a poesia pode estar no falhanço do recital. A poesia pode estar no que não se lê, no verso esquecido, no verso mal lido, no não ouvido, no silêncio ou no que se vê: no olhar da rapariga da última fila, no chapéu do homem que acabou de entrar, no encontro que não se deu entre aquela mulher e aquele homem, na esquina onde eles não se encontraram. A poesia pode não estar no recital, mas sim no que no recital é ruído, distração ou acaso».

(Nuno Artur Silva, *Isto Não É Um Recital de Poesia*)

**ROTEIRO PARA SE PERDER
NO DIA MUNDIAL DA POESIA**
UMA INTRODUÇÃO QUE PODE SER LIDA
COMO UMA PROVOCAÇÃO
Nuno Artur Silva

Sala Fernando Pessoa
Piso 2
10h30 > 11h

A poesia não é um género literário. Os poemas não são a única forma da poesia. A poesia ou a beleza, tal como a felicidade, diz Borges, é frequente: «Não há poeta, por medíocre que seja, que não tenha escrito o melhor verso da literatura».

É frequente sermos surpreendidos pela cintilação da beleza ou da estranheza de frases, palavras, fragmentos ouvidos em ocasionais conversas, na rádio, na televisão, lidos nos jornais, nos múltiplos ecrãs...

A proposta é esta: ser escutadores de poesia, mas da poesia que não está apenas nos poemas.

A poesia que está na rua, nos encontros, nos acasos, ou num filme de um saco de plástico a esvoaçar ao vento («... there's so much beauty in the world»).

Neste nosso tempo em que muitos poemas começam a ser escritos por programas de inteligência artificial, lembramos Pessoa, o poeta que escreveu: «Sentir? Sinta quem lê!»

Mesmo que os poetas sejam falsos, não importa, são bonitas as canções.¹ Não há que procurar a poesia, há que estar desperto para o seu inesperado acontecer.

¹ Adaptação da letra de Chico Buarque da canção *Choro Bandido*, com música de Edu Lobo.

VOZ

75 VIDEOCLIPS A PARTIR DE POEMAS DA LITERATURA PORTUGUESA

Bengaleiro Norte
Piso 1
11h > 18h



Não é um programa de poesia. É um programa que parte de poemas para fazer imagens em movimento, tal como se parte de uma canção para fazer um videoclip. A poesia em Língua Portuguesa na voz de:

Adília Lopes
Adriana Calcanhotto
Adriano Luz
Ana Moura
Ana Sousa Dias
Anabela Mota Ribeiro
Beatriz Batarda
Camané
Carmen Dolores
Catarina Furtado
Cristina Branco
Cristina Carvalhal
David Fonseca
Diogo Infante
Fernando Alves
Gabriel O Pensador
Inês Castel-Branco
Joana Seixas
João Lagarto
João Reis

José Pedro Gomes
Kalaf
Lídia Franco
Manuela Azevedo
Marco D'Almeida
Margarida Pinto Correia
Maria João Luís
Miguel Borges
Miguel Guilherme
Nuno Lopes
Paulo Pires
Raul Solnado
Rogério Samora
Rui Morisson
Rui Reininho
Sérgio Godinho
Sílvia Pfeifer
Sónia Tavares
Virgílio Castelo

Conceção e Coordenação
Nuno Artur Silva
Produções Fictícias

Direção de Arte e Realização
Ricardo Freitas
Ricardo Espírito-Santo
Coprodução
Produções Fictícias
Até ao Fim do Mundo

PALAVRA FUTURO**Maria Caetano Vilalobos****Maze****Muleca XIII****Sir Scratch**

com curadoria de

Alexandre Cortez / A Palavra

Sala Luís de Freitas Branco

Piso 1

14h30 > 15h30 / 16h > 17h

«– E, agora, o que fazemos?**– Poesia. Esses canalhas não suportam poesia.»²**

Celebração da palavra dita que une quatro vozes representativas da área da performance poética: **Maria Caetano Vilalobos, Maze, Muleca XIII e Sir Scratch**. Do rap à poesia declamada, do improviso à *spoken word*, **PALAVRA FUTURO** é um momento de reflexão e de empoderamento que promove o diálogo, a prática da cidadania e a riqueza da língua portuguesa enquanto fator agregador das comunidades que a partilham.

Num tempo em que a guerra e os conflitos entre povos são uma infeliz realidade, **PALAVRA FUTURO** demonstra que é possível contribuirmos para um mundo onde o poder da palavra seja também um caminho para a paz e para a harmonia entre os povos.

Apresentamos nesta sessão um programa com quatro artistas de diferentes origens, que têm em comum a paixão pela palavra e a partilha da Língua Portuguesa e que simbolizam também a multiculturalidade que nos caracteriza.

² De um *cartoon* de autor não identificado, visto na internet.

AS ESCOLAS, AS ESCOLHAS. ESSA OUTRA (ESTRANHA) POESIA

António Carlos Cortez

Sala de Leitura

Piso 1

11h > 12h30



Começamos por encontrar a poesia nas canções que estão por toda a parte, mas é na escola que encontramos a poesia que está nos livros. Quem escolhe e como é feita a escolha dos poetas e dos poemas para que esse encontro se dê? A escola, a escolha.

Há um paradoxo que é preciso resolver em contexto de ensino: dizemos que é preciso «pôr os miúdos a ler», mas os textos que fazem parte dos currículos do 3.º Ciclo e do Secundário (é nestas idades que devemos consolidar os hábitos de leitura e a curiosidade dos estudantes...) são, não raro, pouco exigentes e instigantes para quem, entre os 13 e os 17, 18 anos, está divorciado da poesia.

Não se trata de facilitar na leitura daquele que é, na sua essência, um texto difícil. Falamos de poesia – e nunca nenhuma estratégia «facilitadora» poderá suscitar a vontade de descoberta daqueles que não leem poesia. Assim, nesta aula aberta a estudantes, professores e encarregados de educação e demais agentes da cultura, o que procuramos mostrar são alguns autores e poemas que, não fazendo parte do cânone escolar, suscitam, pela sua imaginação e linguagem, pelo seu poder de surpresa e de estranheza, a curiosidade de quem os ouve e lê.

Nesta sessão, **António Carlos Cortez** selecionou 5 a 10 poetas, cada um deles contemplado com dois textos. Ler e dar a conhecer «essa outra (estranha) poesia», eis uma porta aberta a que, nas escolas, haja outras escolhas para além dos manuais adotados.

CONSTITUIÇÃO DA POESIA PORTUGUESA

Conversa com **Jorge Reis-Sá, Fernando Pinto do Amaral**
e **Joana Meirim**. Com leitura de poemas por **Carla Maciel**

Sala de Leitura

Piso 1

14h > 15h30



Nos 50 anos da primeira constituição democrática do país, pensamos em estabelecer a Constituição da Poesia Portuguesa.

«Entre nós e as palavras», há livros. São eles que permitem aos autores escrever o seu *metal fundente*. Por isso, esta Constituição da Poesia Portuguesa apresenta-nos um livro por autor, indicando-nos transitivamente os autores. Dividimos os 50 anos em duas listas: os «constituintes», aqueles que editaram a partir de 1976, mas que a poesia portuguesa já conhecia há anos (ou décadas, até); e os «constituídos», os que se estrearam depois de 1976. A escolha teve duas linhas mestras: a importância do volume na obra do poeta e, conseqüentemente, na poesia contemporânea portuguesa; e a proximidade do livro – quando era por demais evidente – à pele do antologiadador. De outra forma, não há verdadeira assunção de uma escolha quando ela é nossa.

Seleção e apresentação de **Jorge Reis-Sá**, poeta, editor e antologiadador que conversa com **Fernando Pinto do Amaral**, poeta e crítico literário e **Joana Meirim**, professora e investigadora.

E SE DE REPENTE O ZEPPELIN DAS CINCO PASSASSE PELO BURACO DA AGULHA?

Com **António Cabrita**

Leituras de poemas por **Ana Zorrinho** e **Maria João Luís**

Sala de Leitura

Piso 1

16h30 > 18h



Em 1977, deseducada pelo magazine & etc. e pelas fantasmagorias de uma cidade que o 25 de abril despertou, uma nova geração *Beat* lança os seus primeiros livros. Só a beleza salvaria o mundo. Na década seguinte, os *Quatro Elementos Editores* e a antologia *Sião*, arejavam o cânone – ovnis e zepelins passaram a vogar pelo buraco da agulha. Seguiram-se outras «radicalidades» como a dos *Poetas sem Qualidade*; enquanto o quotidiano e as vozes femininas constelavam no céu da poesia portuguesa. Que no século XXI, com a explosão da internet e das pequenas editoras, teve uma convulsão copernicana: o horizonte passou a ser múltiplo.

Eis «um» trajeto para a poesia portuguesa dos últimos cinquenta anos, num punhado de poemas e numa miríade de autores. Com as leituras de **António Cabrita** e as de **Ana Zorrinho** e **Maria João Luís**.

EXIBIÇÃO DO FILME **PATERSON, DE JIM JARMUSCH, 2016**

Apresentação por **João Lopes**

Sala Almada Negreiros

Piso 2

11h > 13h15

+12

8

«Aha! This is very poetic.»

O protagonista é um motorista de autocarro (Adam Driver, nome perfeito para o papel) que escreve poemas e tem, curiosamente, o nome do lugar onde mora. A sua vida, rotineira como os horários do autocarro que conduz, é amorosamente desorganizada pela sua namorada e pelo cão dela que, digamos, não aprecia inteiramente os seus poemas. Paciente observador do que existe para lá da banalidade do quotidiano, Jim Jarmusch, com *Paterson*, realizou um filme genuinamente poético. E não apenas porque a figura central escreve poesia, mas porque a sua escrita é uma forma de estar vivo e saber olhar o mundo à sua volta.

O PONTO «G» PALPITA NO COSMOS: A POESIA DE ANTÓNIO CABRITA

Leituras por **António Cabrita, Ana Zorrinho e Maria João Luís**

Sala Almada Negreiros

Piso 2

14h30 > 16h

9

A sessão apresenta o trajeto de **António Cabrita**, crítico, poeta, ficcionista e dramaturgo.

Cabrita começou como o «benjamin» da geração *Beat*; embora o seu percurso tenha sido atípico e errante (nem lhe faltou a diáspora...), a sua poesia atravessou o arco dos últimos cinquenta anos com uma versatilidade e um amadurecimento crescentes, traduzíveis numa vocação metamórfica com recursos expressivos inadivinháveis à partida.

Cabrita, hoje um poeta nos antípodas dos seus começos, soube mesclar erudição e destreza coloquial e cruzar um olhar melancólico com a ironia, qualidades que o tornaram uma presença singular e num inesperado sobrevivente, talvez pela transversalidade com que atravessa os céus múltiplos.

AMOR EM CHÁVENA FRIA HISTÓRIAS DO MELANCÓMICO

Nuno Costa Santos e uliarud uliarud

10

Sala Almada Negreiros
Piso 2
16h30 > 17h15

«Sou melancómico. Não sei se no momento da morte vou fazer uma piada ou sentir o último peso da existência». Eis a sentença-morte de um personagem que surgiu num supermercado quando o autor estava a pensar no sentido da vida, com dois sacos de plástico na mão, e que teve depois representações em livro, televisão e rádio.

Sempre com uma vocação para ser um peão de bairro, rodeado de figuras como o Lucindo da farmácia, o Rogério da retrosaria e a Graziela, florista e leitora de poesia antiga, o **melancómico** é um observador da cidade, dos seus amores e desamores e dos seus costumes, assumindo-se como parte de uma tradição que inclui Alexandre O'Neill, Mário-Henrique Leiria e Santos Fernando.

Habitado a trabalhar em colaboração, desta feita o melancómico fará uma leitura de um conjunto de histórias na companhia de **uliarud uliarud**, ilustrador com quem se cruzou num lisboeta lugar de bairro, um restaurante-tasca, que irá projetar um conjunto de imagens a remeter para um universo próprio, tão realista como onírico, atravessado de lirismo e humor.

ENCLAVE

Maria Lis

11

Sala Almada Negreiros
Piso 2
17h15 > 18h30

O que aconteceria se, de algum modo, puséssemos o leme nas mãos das crianças, oferecendo-lhes os nossos restos e sobras, perguntando-lhes: o que fazemos agora? Como poderíamos raspar na matéria outras formas de mundo? **Maria Lis** foi à procura de objetos sem uso, remetidos aos dias passados (uma peneira, uma caixa de comprimidos, uma balança para cartas, um limpador de espingardas, algumas pedras, uma goteira e outras miudezas) e entregou-os a várias crianças para lhes perguntar: e com estas coisas que já temos também podemos fazer outro mundo? Trata-se de tentar raspar com as unhas uma forma nova num material antigo, esculpir maneiras de continuar apesar dos tantos entraves.

Entre o México e os Estados Unidos, milhares de pessoas trepam à garupa de comboios, traçando no mapa um caminho até ao que ainda poderá vir ou o que pode vir a ser. Muitas destas pessoas são crianças. Muitas delas são capturadas na fronteira e conduzidas para centros de detenção temporária, aí deixadas a aguardar por uma audiência onde uma sequência de perguntas lhes é aplicada – para que, de acordo com a lei, se averigue o destino a dar ao «problema». Valeria Luiselli relatou a sua experiência enquanto intérprete destas crianças nestes interrogatórios em *Tell Me How It Ends* e no romance *Deserto Sonoro*.

Maria Lis e Ana Filipa Correia propõem um *Enclave* e um caminho até lá. Numa geografia de entrelinhas, de silêncios e de mãos-na-massa, Maria escreve sobre a genialidade das crianças quando respondem a realidades tremendas, comboios, viagens e cresceres, sobre o que se leva no saco ou nos bolsos e sobre o que se deixa para trás. Ana Filipa fotografa os entretantos, as possibilidades, o jogo entre o visível e o invisível, a sua força e face macia – uma forma de tensão que desenraíza e procura, assim, escutar o que as palavras dizem a partir de um lugar de abertura e alteridade.

Leitura integral do livro *Enclave* com projeção das fotografias que o compõem.

ERA PARA SER UMA CANÇÃO
CONVERSA COM GIRA-DISCOS NA PLATAFORMA
com **Aldina Duarte, Nuno Galopim e Samuel Úria**

12

Sala Sophia de Mello Breyner Andresen
Piso 2
11h30 > 13h

Aldina Duarte, Nuno Galopim e Samuel Úria discorrem sobre as palavras que se cantam e sobre como as procurar entre música e poesia, dando a ouvir músicas com letras (ou poemas?) – aquilo a que chamamos canções.

O que tu chamas de poema é a letra duma canção de que não sabemos a música?

**100 ANOS DE LISBON REVISITED,
DE ÁLVARO DE CAMPOS
PESSOA REVISITADO POR LISBOA REVISITADA**

Por **Fernando Cabral Martins**

Com leituras de **Paulo Pires**

Sophia de Mello Breyner Andresen

Piso 2

15h > 16h

**«Outra vez te revejo Lisboa e Tejo e tudo –
Transeunte inútil de ti e de mim,
Estrangeiro aqui como em toda a parte»**

Foram publicados dois poemas com o mesmo título, *Lisbon Revisited*, na revista *Contemporânea*: um em 1923 e outro em 1926, criando uma simetria poética entre ambos. O autor atribuído é o engenheiro naval Álvaro de Campos, que estudou na Escócia e trabalhou em Inglaterra.

O poema *Lisbon Revisited* (1926) assinala o seu regresso definitivo a Lisboa. Os textos são exemplos centrais da poesia de Álvaro de Campos e mostram como a obra de Fernando Pessoa se encontra nela sintetizada e ampliada.

**CONCERTO
CANÇÕES DAS CIDADES
Marco Oliveira e José Peixoto**

Sala Sophia de Mello Breyner Andresen

Piso 2

18h > 19h

+6

Marco Oliveira (voz e guitarra) e **José Peixoto** (guitarra) apresentam uma escolha de canções que celebram cidades. Canções que, com o tempo, passaram a fazer parte das cidades que celebram. Canções que, cantando, percorremos como parte inseparável dessas cidades.

OH, NÃO! LÁ VÊM OS POETAS DO COSTUME (COM AS CITAÇÕES DO COSTUME...)

Nuno Artur Silva e Nuno Costa Santos

15

Sala Fernando Pessoa

Piso 2

14h > 15h

Como ficam os poemas depois de todas as utilizações que deles são feitas? Como ficam depois de usados por hordas de leitores e declamadores? Será que certos versos, de tanto serem citados, chegam a um ponto em que já não se podem ouvir? Como podemos combater o *cliché*? Ou, pelo contrário, como é que nos podemos deliciar com o *cliché*? Chafurdarmo-nos no *cliché*?

Nuno Artur Silva e **Nuno Costa Santos** têm poemas para a troca e trocam, entre cromos de poetas e afins, os que saem mais e os mais difíceis da coleção. Analisam os últimos dados dos barómetros de audiência da poesia, verificam o índice de citação dos versos no mercado local, e observam o percurso dos poetas no céu editorial da poesia e da sua premiação – da obscuridade à consagração e novamente de volta à obscuridade.

Como não poderia deixar de ser, falam da Inteligência Artificial também aplicada, claro, à poesia, do algoritmo poético e do ritmo do algoritmo nas *playlists* das plataformas de poesia.

A POESIA DE YVETTE CENTENO

Com Jorge Reis-Sá e Rui Zink

Leituras de António de Castro Caeiro e Cucha Carvalheiro

16

Sala Fernando Pessoa

Piso 2

15h30 > 16h30

As homenagens são sempre tardias. Deveríamos homenagear várias vezes e logo que fizesse sentido – até antes, preventivamente, quando percebêssemos o que ia ser alguém. A Yvette já deveria ter sido homenageada incontáveis vezes, mas nunca é tarde para celebrar uma das mais importantes intelectuais portuguesas.

DEFINIÇÕES

A vida

Diria melhor o tempo?

Mas não

não era o tempo

era a vida

um somatório de tempos

e de espaços

a vida estava agora

de tal modo concentrada

que pouco lhe sobrava

ou mesmo nada

Poema retirado de *Entre Silêncios* (1997)

A POESIA DE ALBERTO PIMENTA

Rui Zink e Lúcia Evangelista

Leituras de Luís França

Sala Fernando Pessoa

Piso 2

17h > 18h

17

Na obra de **Alberto Pimenta**, pulsam os efeitos de veneno e de cura, de crítica mordaz e vitalidade erótica. O modo singular deste autor destilar o seu *pharmakón* será tema desta homenagem.

porco trágico I

conheço um poeta

que diz que não sabe se a fome dos outros

é fome de comer

ou se é só fome da sobremesa alheia.

a mim o que me espanta

não é a sua ignorância:

pois estou habituado a que os poetas saibam muito

de si

e pouco ou nada dos outros.

o que me espanta

é a distinção que ele faz:

como se a fome de sobremesa alheia
não fosse
fome de comer
também.

Poema retirado de *Ascensão de Dez Gostos à Boca* (1977),
2.ª Edição in *Tetrapharmakos* (2025:174)

OUVI-TE LER AQUELE POEMA NAQUELE DIA E NÃO DESCANSEI ENQUANTO NÃO O ENCONTREI

18

Sala Maria Helena Vieira da Silva
Piso 2
11h30 > 13h / 14h30 > 16h / 16h30 > 18h30

Leituras de poemas escolhidos para este dia por:

Daniel Belo	Nicolau Santos
Fernando Alvim	Paula Moura Pinheiro
Filomena Cautela	Paulo Alves Guerra
Margarida Pinto Correia	Teresa Paixão
Maria Castello Branco	Tiago Ribeiro
Maria Flor Pedroso	

Para não descansarmos enquanto não os encontrarmos:

Fernando Alvim (11h30)

«Para que serve a poesia? Em todos estes anos fui mais eu que me servi dela do que ela de mim. Talvez seja uma relação de interesse, uma relação interesseira, e está bom de ver quem tem interesse em quem. Nesta sessão vou acertar contas com os poemas. Os que me salvaram. E também os outros. Que não me salvaram coisa nenhuma».

Paula Moura Pinheiro (12h00)

«Como percebeu Ted Hughes, um poema é como um animal (tiras-lhe uma vírgula e partes-lhe uma costela). Em abstrato, digo que gosto de todos os animais. Mas, claro, isso não é verdade. Só alguns animais capturam toda a minha atenção, só alguns me afetam. Da mesma maneira, amo muito alguns poemas. Mas só alguns».

Nicolau Santos (12h30)

«Olha-se para África e diz-se: não foi isto que combinámos. Olha-se para o estado do mundo e só nos apetece gritar: cultura contra eles! Olha-se para o país e recorre-se ao que escreveu Cesariny: falta por aqui uma grande razão! Pelo meio, claro, há sempre gente humilde e o amor, que também faz mover o mundo».

Margarida Pinto Correia (13h00)

«Neste dia da poesia vou celebrar os portugueses recentes. Poesia que se está a fazer durante as nossas vidas. E isso passa (também) por incríveis letras de canções que os nossos músicos escrevem».

Daniel Belo (14h30)

«Nesta seleção há poemas sobre a poesia e sobre o que é ser poeta, sobre o tédio dos dias iguais, sobre a empatia, a música, a guerra e a paz. Há linhas sobre o que o ser humano é e poderia ser e sobre as viva-vozes poéticas que denunciam os silêncios de morte. Procuro sempre na poesia reflexos da realidade que me rodeia. Visões alternativas à minha, assentes nos detalhes que muitas vezes só o olhar solto do poeta consegue notar. Tudo isto me ajuda a compreender o que sou, onde estou e para onde gostaria de ir».

Maria Castello Branco (15h00)

«Reuni poemas onde a linguagem toca o invisível, que dançam no limiar entre sonho e realidade, num hábito surpreendente de nos trazer de costas, num tempo silencioso como a eternidade, numa pupila que escuta. A leitura tentará seguir esse fio. Aproximação, vertigem, claridade».

Paulo Alves Guerra (15h30)

«Migração e lembrança. E uma quietude inquieta. Talvez sejam os temas essenciais da escrita de W.G. Sebald (1944 – 2001). Além dos aclamados ensaios e romances, o autor de Austerlitz concebeu um luminoso poema em prosa: *Do Natural. Um Poema Elementar* (1988). Neste livro, Sebald é personagem, cita Dante e Virgílio e faz as perguntas essenciais: «Agora o amor não é nada? Ou é tudo? Água? Fogo? Bem? Mal? Vida? Morte?».

Teresa Paixão (16h00)

«Se não gosta de cinema nem de televisão não há razão nenhuma para aplicar tempo nesta sessão. Se gosta destas duas coisas, espero surpreender».

Filomena Cautela (16h30)

«Trago relíquias e disparates, alguns que me têm assegurado uma humanidade escassa por estes dias. Isto ou, quando me virem a entrar, lembrem-se que é uma ótima altura para irem apanhar ar, beber um café, um cigarro ou qualquer outra coisa certamente melhor do que ouvir-me a assassinar palavras bonitas».

Maria Flor Pedroso (17h30)

«Venho simplesmente dizer que pinte o mar com lápis de cor como se nunca o tivesse visto porque no teu amor por mim há uma rua que começa. Quanto vale uma memória no mercado da poesia?»

Tiago Ribeiro (18h00)

«Talvez o mar tenha sido o primeiro grande amor da poesia. Talvez, e por exclusão de todos os outros elementos, nada mais se inversa à terra, na sua extensão terrena, que essa proporção monumentalíssima do próprio planeta aquático. Das vagas Anterianas e seus sonetos, aos glaucos abismos de Férrin onde o oceano também é ilha. Afinal, que mundo se vê do mar? Que poetas dele emergem com destino ao grande campo de todas as palavras? Muitos. Talvez, todos».

POEMA RISCADO
António Jorge Gonçalves

Sala Amadeo de Souza Cardoso
Piso 2
11h > 11h30 / 14h > 14h30 / 16h > 16h30

19

Numa sala obscurecida, **António Jorge Gonçalves** propõe uma performance visual onde a escrita acontece como gesto vivo. À vista do público, o artista escreve manualmente (numa mesa digitalizadora) poemas de autores como Tom Zé, Amélia Muge, Paulo Leminski, Raquel Lima ou Adília Lopes, fazendo das palavras acontecimentos gráficos: manuscritas em tempo real, as palavras são projetadas nas paredes, ampliando o traço, o ritmo e a respiração da escrita.

Embalada por uma banda sonora gravada, a performance cria um fluxo onde palavra, imagem e som se entrelaçam, transformando os poemas numa experiência visual e imersiva.

UMA CANÇÃO PARA OUVIR-TE CHEGAR

Instalação sonora de **Elvis Veiguiha**

a partir de leitura de poemas por **Ivo Canelas** e **Jani Zhao**

20

Sala Daciano da Costa

Piso 2

11h > 18h

«A sala transforma-se num território de escuta. Não numa celebração ornamental da palavra, mas num confronto direto com aquilo que ela ainda é capaz de fazer: abrir fissuras, deslocar certezas, obrigar-nos a sentir. Esta exposição parte de um princípio simples e exigente: a poesia contemporânea não precisa de aparato, exige presença. A Sala Daciano da Costa é banhada por uma luz rasante que não ilumina totalmente nem esconde por completo. Essa penumbra ativa a audição, obriga à atenção demorada, e retira o visitante do conforto da distração. Ler é um ato físico. Escutar torna-se um exercício de entrega. Proponho-vos uma experiência sonora imersiva onde a palavra dita ganha corpo e respiração. As vozes do ator **Ivo Canelas** e da atriz **Jani Zhao** não dramatizam em excesso nem procuram espetáculo. O seu trabalho é o de servir o texto, respeitar o ritmo interno de cada poema, deixar que o silêncio entre os versos fale tanto quanto as sílabas pronunciadas. O desenho sonoro que criei não acompanha como fundo decorativo; antes constrói uma paisagem sensorial que expande a vibração da palavra, amplificando respirações, pausas e reverberações quase impercetíveis.

O foco é a palavra. A palavra enquanto matéria viva, enquanto gesto político e íntimo, enquanto proposta de reflexão e de inquietação. Não pretendo oferecer respostas, mas criar um espaço onde a emoção não seja diluída pela pressa. Aqui, cada visitante é convidado a demorar-se e a ouvir além do som e do significado imediato.

A poesia contemporânea é, muitas vezes, acusada de hermetismo ou afastamento. Esta proposta sonora recusa essa simplificação. Ao aproximar o corpo da voz e a luz do texto, devolve-se à poesia a sua dimensão sensorial e humana. O visitante não percorre apenas uma sala: atravessa uma experiência na qual a audição e a memória se entrelaçam. Num tempo saturado de estímulos, escolhemos a contenção; num tempo de ruído, escolhemos a escuta; num tempo de consumo rápido, escolhemos a fruição integral. Porque a poesia, quando verdadeiramente ouvida, não se limita a ser compreendida. Transforma.»

(**Elvis Veiguiha**, Sound Artist)

«e em todo o caso
há praças onde esculpir um lírio
zonas subtis de propagação do azul
gestos sem dono barcos sob as flores
uma canção para ouvir-te chegar»

(Mário Cesariny, *Poema podendo servir de Posfácio*)

CANTO DO LEITOR ANÓNIMO

21

Sala Vianna da Motta
Piso 2
11h > 18h

O *Speakers' Corner* ou o Recanto do Orador do Dia Mundial da Poesia onde qualquer um pode ler o que quiser para quem o quiser ouvir.

SALA DE LEITURA SILENCIOSA (COM AUSCULTADORES DE ONDE SE OUVEM POEMAS)

22

Terraço da Sala Vitorino Nemésio
Piso 1
11h > 18h

Uma festa de leitura silenciosa pontuada por três poetas nos auscultadores: Florbela Espanca, Natália Correia e Emily Dickinson (traduzida por Ana Luísa Amaral). As festas de leituras silenciosas (*silent reading parties*) e manifestações semelhantes de leitura pública silenciosa têm-se multiplicado um pouco por todo o lado. São participações de leitores – cada um com o seu livro – em lugares de leitura onde ler deixa de ser apenas um retiro solitário e torna-se também num ato público, numa partilha silenciosa do ato que é a leitura individual. Tal como o cinema, quando visto na sala escura de um cineteatro, é um encontro de desconhecidos que, por um momento, partilham uma experiência artística comum. Os encontros de leitura silenciosa são manifestações de vida urbana que contrariam a tendência contemporânea do isolamento tribal ou individual.

Nesta versão, a sala de leitura silenciosa disponibiliza um conjunto de auscultadores para quem quiser deambular ouvindo três sequências de poemas à sua escolha a partir de uma seleção e leitura de **Mia Tomé**.

«Florbela, Natália, Emily, nascidas com várias décadas a separá-las, certamente têm uma coisa em comum: todas elas mulheres fora do seu tempo, poetisas acima do seu tempo. O que liga Vila Viçosa ao Massachusetts, ou até à ilha de São Miguel? Os lugares estão presentes nas obras das três autoras, os lugares são também a sua poesia. A celebração da natureza está em todas elas: a palavra que se encontra com o mar, o esplendor dos animais ou a força insular de um vulcão. Mulheres autoras a desejar serem livres como abelhas, a lutar por direitos ou a amar perdidamente».

(Mia Tomé)

POEMACTO

Alexandra Pestana

António Cardoso

Beatriz Cabo

Catarina Guerra

Carla Gil

Carolina Lopes

Diogo Vitorino

Lara Caiado

Lucas Melo

Pedro Cortez

Sara Alves

Tomás Gabriel

Alunos

Sara de Castro

Conceção e Direção

Cuca M. Pires

Assistência

act SCHOOL

Horário e espaços de apresentação «desconhecidos»

«Deito-me, levanto-me, penso que é enorme cantar.

Uma vara canta branco.

Uma cidade cantas luzes.»

(Herberto Helder, *Poemacto*)

Num gesto coletivo e inesperado, onze alunos finalistas da **ACT - Escola de Actores** convocam poemas de poetisas portuguesas contemporâneas para fazer da poesia presença e afirmação.

Estas vozes emergentes atravessam o espaço público como quem procura, na poesia, uma forma de existir e de se fazer ouvir.

FEIRA DO LIVRO DE POESIA

Receção principal do CCB
Piso 1
11h > 19h

2

Com a presença das editoras/livrarias:

Almedina
Bertrand
Greta
Ler Devagar
Snob
Tinta-da-china
The Poets And Dragons

© Rita Carmo





© DR

NUNO ARTUR SILVA

Nuno Artur Silva nasceu em Lisboa, em outubro de 1962. Autor, diretor criativo, produtor, apresentador e professor. Foi fundador e diretor da Produções Fictícias, agência criativa; fundador e diretor do Canal Q; fundador e editor do jornal satírico O Inimigo Público. Foi administrador da RTP (2015/ 2018) e Secretário de Estado do Cinema, Audiovisual e Media no XXII Governo Constitucional (2019/2022). *Erros meus – Poesia incompleta* (Imprensa Nacional, 2025) é o seu último livro.



© DR

ANTÓNIO CARLOS CORTEZ

Doutorado em Ciências da Literatura, poeta, professor de literatura portuguesa, ensaísta e crítico literário, publicou desde 1999 cerca de 15 livros de poesia, de que se destacam: *Um Barco no Rio* (2002); *A Sombra no Limite – 53 sonetos* (Gótica, 2004); *Depois de Dezembro* (Licorne, 2010/ Prémio SPA / RTP – Melhor Livro de Poesia do Ano, 2011); *A Dor Concreta – Antologia 1999–2015* (Tinta-da-china, 2016, Prémio APE/ Teixeira de Pascoas, 2017); *Animais Feridos* (Dom Quixote, 2016 – Finalista Prémio Oceanos 2017); *Jaguar* (Dom Quixote, 2019– Prémio de Poesia Ruy Belo e Prémio de Poesia FENPROF/António

Gedeão, 2020); *Diamante* (Dom Quixote, 2021 – Prémio APE/ Maria Amália Vaz de Carvalho, 2022); *Os Sonetos – 125 sonetos, 25 anos de poesia* (Gato Bravo, Rio de Janeiro, 2024) e *Condor* (Caminho, 2025).



© DR

JOÃO LOPES

Nasceu nas Caldas da Rainha, em 1954. Crítico de cinema, argumentista, realizador de várias curtas-metragens e da longa *Fernando Lopes, Provavelmente* (2008). Escreve regularmente no Diário de Notícias. Foi assistente de realização de Eduardo Gueda e António da Cunha Telles e argumentista de dois filmes de Fernando Lopes. Foi professor da Escola Superior de Teatro e Cinema e responsável pela programação de Cinema de Guimarães 2012 – Capital Europeia da Cultura. Encenou Neil LaBute e David Mamet no Teatro Aberto. Autor dos livros *Teleditadura – Diário de um Espectador* (Quetzal, 1995), *Poemas de Guerra* (Gótica, 2002) e *Cinema e História: Aventuras Narrativas* (Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2018).



© Susana Paiva

ANTÓNIO JORGE GONÇALVES

Autor de novelas gráficas, performer visual e professor. Cria livros com texto e imagem, a solo e com outros escritores. Concebeu método de Desenho Digital

em Tempo Real que utiliza na criação de espetáculos com músicos, atores e bailarinos. Fez cartoon político para o Público, Le Monde e Courier International. Leciona na Faculdade de Belas Artes (Lisboa). Prémios: Prémio Nacional Ilustração dGLAB 2013; Prémio Bologna Ragazzi Award/Comics 2025; Prémio SPA-Autores/Melhor Livro Infância e Juventude 2025; Grande Prémio BIG-Bienal Ilustração Guimarães 2025.



© Dmix

ELVIS VEIGUINHA

Elvis Veiguinha é produtor musical, *sound designer*, *sound artist*, realizador e sócio-gerente da pós-produtora de som e imagem DMIX Collective. Licenciado em Comunicação e Multimédia pela Universidade Lusíada de Lisboa e doutorando em Artes dos Media na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, é docente em licenciaturas e mestrados nas áreas de Cinema, Audiovisual e Multimédia e Ciências e Tecnologias do Som nesta instituição, bem como na Escola Superior de Comunicação Social, nos cursos de Audiovisual e Multimédia. Frequentou, em 1987, o curso de Sonorização e Realização de Rádio da TSF, tendo participado na abertura da rádio em 1988. Em 1989, estagiou na estação televisiva norte-americana NBC e, em 2009, concluiu o curso de realização na New York Film Academy. É autor e produtor das identidades sonoras de vários canais de televisão, entre os quais SIC, SIC Notícias, TVI, RTP, Canal 11 e NOW. Com mais de 25 anos de percurso nas áreas do som e da imagem, tem

trabalhos distinguidos nacional e internacionalmente. Integrou júris de festivais ligados ao cinema e à publicidade, como o FestIn, Meios & Publicidade, Clube de Criativos, Prémios Lusos e New York Festivals. Enquanto *sound artist*, área pela qual nutre especial interesse, participou em diversas exposições coletivas, com trabalhos apresentados em Lisboa, Dublin e Londres.



© Vitorino Coragem

IVO CANELAS

Nasceu em Lisboa, em 1973, e formou-se na Escola Superior de Teatro e Cinema. Estreou-se no teatro, em 1991 e, mais tarde, em 1997, no cinema e na televisão. Em 2001, recebeu uma bolsa da Fundação Calouste Gulbenkian, que o levou a Nova Iorque para estudar durante vários anos no Lee Strasberg Theatre and Film Institute. Com mais de 30 anos de carreira, foi diversas vezes distinguido pelo seu trabalho em teatro, cinema e televisão.



© DR

JANI ZHAO

Nasceu em Leiria em 1992. Primeira geração, origem chinesa. Tirou o curso de Interpretação da Escola Profissional de Teatro de Cascais e frequentou o curso Dança/Teatro da Companhia Olga Roriz. Estreou-se, há quase vinte anos, na

televisão e tem vindo a participar em vários projetos, como *Capitães de Açúcar* de Ricardo Leite, *Sul e O Americano* de Ivo M. Ferreira. Em teatro, estreou-se profissionalmente em 2012, com a mala voadora, com que trabalha regularmente. Já trabalhou também com Carlos Avilez, João Garcia Miguel, Rosana Cade, Miguel Graça, Rui Neto, Cristina Carvalhal, Tiago Lima, Mickael de Oliveira, João Brites, Olga Roriz e Rui Horta, percorrendo vários palcos a nível nacional e internacional. Locutora desde 2012, tem sido voz de várias marcas. Em cinema, foi até à Berlinale com *Taprobana* de Gabriel Abrantes; viajou com João Botelho no filme *Peregrinação*; passou por Cannes com *Grand Tour* de Miguel Gomes e estreou-se internacionalmente com o filme *Aquaman and The Lost Kingdom*. Está prestes a estrear *Projecto Global* da autoria de Ivo M. Ferreira e *O Barqueiro* de Simão Cayatte.



© DR

MIA TOMÉ

Voice artist, atriz e criadora, foi bolseira da Gulbenkian para estudar no The Lee Strasberg Theatre and Film Institute, em NYC. É licenciada em Teatro pela ESTC e mestre em Educação Artística pela FBAUL. Em 2025, lançou o álbum *Há um Herbário no Deserto* com poesia de Emily Dickinson, gravado no Oracle Recording Studio, no Arizona, E.U.A.. O mesmo foi apresentado ao vivo em salas internacionais como Haus für Poesie (Berlim, Alemanha), Harvard Club (Manhattan, NY) ou Willa Decius (Cracóvia, Polónia). É autora e voz do *Projeto Natália*, o álbum musical que

celebrou o centenário de Natália Correia. Trabalha regularmente com a voz, seja em publicidade, na rádio e na música. Em teatro, trabalhou com encenadores como Jorge Silva Melo, Gonçalo Amorim ou Lígia Soares, e em espetáculos como *Doce Pássaro da Juventude*, *Marcha Invencível*, *Civilização* ou *ANTÍGONA*. Em cinema, trabalhou com realizadores como Eugene Green, Julius Berg, Luísa Sequeira, Manuel Mozos ou Mário Barroso. Em 2021, foi bolseira da FLAD – Fundação Luso Americana, para a investigação de um projeto sobre as «Mulheres do Oeste», no Arizona.



© DR

FERNANDO ALVIM

Fernando Alvim é comunicador e pode ser ouvido na Antena 3 no programa *Prova Oral* e visto na RTP 1 em *Herói Nacional*. Pelo meio é criador e produtor de uma série de eventos como: *Monstros do Ano*; *Regata de Barquinhos a Remos*; *Festival Idiota*; *Prémios Novos*; *Festival Alternativo da Canção*; *Quarto Escuro*; *Torneio de Padel para Nabos* e *Festival Termómetro*. Tem vários livros publicados, o último dos quais reúne algumas das suas melhores crónicas (*Ninguém disse que ia ser fácil*).

PAULA MOURA PINHEIRO

É jornalista e autora. Tem desenvolvido grande parte da sua carreira na televisão pública portuguesa, onde se tem dedicado à criação e apresentação de conteúdos culturais. É também autora de livros e de projetos de divulgação cultural. Atualmente é a autora e apresentadora do programa *Visita Guiada*, na RTP.

NICOLAU SANTOS

É jornalista especializado em assuntos económicos. Ao longo da sua carreira trabalhou em vários órgãos de comunicação social, incluindo o Expresso, o Público e o Diário Económico, e tem desenvolvido atividade como comentador e analista económico. Foi presidente da Lusa. Desde 2021 é presidente do Conselho de Administração da RTP. Publicou diversos livros de economia e poesia.



© DR

MARGARIDA PINTO CORREIA

Comunicadora, com longa experiência em media e representação. Desde 2003 divide-se também pela área social, onde abraçou projetos como a Fundação do Gil e a Fundação EDP. Atualmente é coordenadora de Stakeholders na EDP, apaixonada pelo envolvimento com comunidades impactadas pelas energias renováveis. O Impacto é o seu desafio, a Criatividade a sua cenoura.



© DR

DANIEL BELO

Daniel Belo (Castelo Branco, 1976) é jornalista da Antena 1, com um percurso consolidado de mais de 20 anos na rádio pública portuguesa. Iniciou-se na rádio em 1992, na Rádio Urbana, em Castelo Branco, continuando na Rádio

Universidade de Coimbra enquanto completava a licenciatura em Jornalismo. Entre 2001 e 2003, foi jornalista do canal português da TDM – Rádio Macau, iniciando depois disso a sua ligação com a rádio pública. Ao longo do seu trajeto profissional integrou também a Antena 3, onde exerceu funções de responsável pelos conteúdos culturais, além de ter colaborado com outras rádios do universo RTP. Depois de vários anos a trabalhar em Lisboa, regressou a Coimbra, onde atualmente exerce funções de jornalista na Antena 1, mantendo uma ligação consistente e ativa à criação e programação cultural, com colaborações com estruturas como o Centro de Artes Visuais e O Teatrão. Paralelamente ao jornalismo, tem desenvolvido diversos projetos no meio artístico, com especial incidência na área musical, cruzando comunicação, curadoria e prática criativa.



© DR

MARIA CASTELLO BRANCO

Maria Castello Branco é analista e comentadora política RTP e Antena 1, cronista semanal no Jornal Expresso e coapresentadora do podcast *Lei da Paridade*. Integra também o painel do programa *Contraditório* na Antena 1. É mestre em Teoria Política pela London School of Economics (LSE), com especialização em Filosofia Política Chinesa, e licenciada em Ciência Política e Relações Internacionais pela UCP. Em 2024, coedita, como coordenadora, o livro *Reflexões sobre a Liberdade*.



© DR

PAULO ALVES GUERRA

Paulo Alves Guerra, jornalista de rádio, amante de poesia. Nasceu em 1963. Vive e trabalha em Lisboa. Começou no tempo das rádios pirata, no final da década de oitenta (Rádio Universidade Tejo), passou pelo Correio da Manhã Rádio, foi feliz na TSF (inventou a frase: «Tudo o que se passa, passa na TSF») e espera acabar os seus dias de rádio na Antena 2, que o acolheu em 2006.



© DR

TERESA PAIXÃO

Teresa Paixão (Lisboa, 1960) teve o primeiro contacto com a poesia, como qualquer criança, através de lenga lengas e canções infantis, sendo ainda do tempo em que as crianças «atiravam um pau ao gato». Não leu muita poesia mas gostou sempre de a ouvir, ficando deslumbrada quando era dita fora dos contextos prováveis, como na Assembleia da República, nos concursos da televisão e no cinema, claro. O último livro de poesia que folheou e saboreou foi *Livro da Perfeita Alegria*, de Eugénia de Vasconcellos.



© Alfredo Cunha

MARIA FLOR PEDROSA

Na rádio desde 1984 e jornalista desde 1988, foi fundadora da TSF – Rádio Jornal, onde exerceu funções como repórter, editora e enviada especial. Integra a Antena 1 há quase 30 anos. Repórter parlamentar durante duas décadas e meia na TSF e na Antena 1, acompanha de forma continuada a atividade política desde 1988. Entre 2003 e 2018, foi Editora de Política, tendo conduzido debates, entrevistas e campanhas eleitorais. Foi responsável pela edição de *As Escolhas de Marcelo Rebelo de Sousa* (RTP1, 2006–2010) e, em 2019, assumiu a Direção da RTP. Em 2017, presidiu à Comissão Organizadora do 4.º Congresso de Jornalistas e é Presidente do Clube de Jornalistas. Leciona Jornalismo Radiofónico no ISCSP, onde também dinamiza ações de formação e cursos de pós-graduação. Modera conferências, analisa a atualidade política e narra documentários. É responsável editorial dos programas e podcasts *Geometria Variável*, *Serviço Público*, *Bloco de Notas* e *O 25 de Abril de...*, e modera *Radicais Livres*, na Antena 1 e na RDPI.

FILOMENA CAUTELA

Filomena Cautela é atriz e apresentadora de televisão. Participa em projetos de televisão nas áreas do entretenimento e do humor, tanto como intérprete como apresentadora. Paralelamente ao trabalho em televisão, tem participado em projetos de teatro e cinema.



© DR

TIAGO RIBEIRO

Tiago Ribeiro nasceu em 1989, numa das ilhas mais bonitas do mundo. É formado em Comunicação Social e Cultural, pela Universidade dos Açores. Passou pela Rádio Atlântida e pela Antena 1 Açores. Já em Lisboa, há mais de dez anos que é realizador, locutor e apresentador de conteúdos de rádio na Antena 3, estando durante os últimos 5 nas *Manhãs da 3*. Foi coapresentador do podcast *Vamos Todos Morrer*, de Hugo van Der Ding, que ganhou também vida, em cima de muitos palcos do país, e, desde o ano passado, juntos no *Vamos Viajar na Maionese*, podcast semanal e vencedor do Prémio do Ano na categoria Artes e Cultura (Prémios Podes). Atualmente, podemos escutá-lo na antena nacional durante a semana, das 16h00 às 19h00, no programa *Logo Se Vê*, e aos sábados no *Avenidas Novas*, ambos da Antena 3. Foi locutor de continuidade da RTP1, e a sua voz é presença habitual em inúmeros anúncios, campanhas e espetáculos. Amante e colecionador de bonsais, livros e discos de vinil. É também DJ nas horas vagas e apaixonado pelos Açores a tempo-inteiro.



© Pauliana V. Pimentel

ALDINA DUARTE

Aldina Duarte é reconhecida como uma das grandes vozes atuais do Fado,

pela sua personalidade artística e pela sua capacidade interpretativa. Tem uma intensa carreira de concertos nas principais salas de espetáculo portuguesas e em grandes festivais no país e no estrangeiro. Foi fadista residente durante 25 anos na emblemática casa de Fado lisboeta Senhor Vinho, sob direção artística de Maria da Fé, afirmando aí uma presença artística marcante. Com nove discos editados, tem vindo a reinventar-se continuamente, tendo *Tudo Recomeça* sido distinguido com o Prémio Play 2023 para Melhor Disco de Fado. A sua profunda ligação à literatura marca de forma decisiva o seu percurso artístico: escolhe criteriosamente os poemas que interpreta, é autora de muitas das suas letras e escreve também para alguns dos mais destacados fadistas da nova geração. Em 2022, publicou *Cadernos 20/21 – manual anti-angústia*, ampliando a sua expressão criativa ao campo editorial. Desenvolve regularmente projetos de divulgação, reflexão e cruzamento artístico em torno do Fado, colaborando com o Museu do Fado e assinando o programa *Fado Cravo*, na Antena 1. O seu mais recente disco, *Metade-Metade*, com letras de Capicua, afirma uma nova abordagem poética e temática. Mantém uma atividade contínua em concertos, projetos editoriais e na preparação de novos trabalhos discográficos.



© Arlindo Camacho

SAMUEL ÚRIA

Com uma proveniência marcada pelo *punk*, pelo *rock'n'roll* e pela estética *low-fi*, Samuel Úria tem ganho

notoriedade desde 2008. Da sua discografia «oficial» em nome próprio, para além do trabalho publicado no final de 2024, 2000 A.D., constam quatro LP e dois EP – *Canções do Pós-Guerra solo* (2021); *Canções do Pós-Guerra* (2020); *Marca Atroz* (2018); *Carga de Ombro* (2016); *O Grande Medo do Pequeno Mundo* (2013) e *Nem Lhe Tocava* (2009). Já na «não oficial» e associada à editora FlorCaveira, dois CD-R e um EP-R-O *Caminho Ferroviário Estreito; Em Bruto e a Descondecoração de Samuel Úria*. A somar, colaborações nos projetos *Velhas Glórias*, *Ninivitas* ou *Maria Clementina*. A par de prestações ao vivo vibrantes e inesquecíveis, Samuel Úria destaca-se entre pares pela sua singularidade no uso da língua materna. As suas canções podem ser encontradas no repertório de Ana Bacalhau, Ana Moura, António Zambujo, Cindy Kat, Clã, Cláudia Pascoal ou Marta Hugon. No domínio da composição, foi responsável pela banda sonora da série da SIC *Prisão Domiciliária* e compôs ainda a música para a peça *Cochinchina*, encenada por Sandra Barata Belo a partir de um conto de Afonso Cruz.



DR
©

NUNO GALOPIM

Estreou-se na rádio em 1989, aos microfones da Antena 1, e teve pouco depois um primeiro programa seu na Antena 2. Passou pela aventura da XFM (da qual foi um dos fundadores), pela Radar (onde fez durante 12 anos os *Discos Voadores*, teve uma colaboração na TSF e vários programas na Antena 3 (dois deles ainda em produção), antes de regressar à

casa Antena 1 (que dirigiu de 2021 a 2025) e, agora, à Antena 2. É atualmente diretor adjunto das rádios do grupo RTP. À rádio juntou os jornais e revistas (Expresso, Blitz, DN ou Billboard). Mais tarde a televisão, com documentários criados para a RTP e um trabalho regular no Festival da Canção e na Eurovisão desde 2016. Começou a pegar nos discos e gira-discos dos pais aos três anos. E tomou-lhes o gosto. É colecionador de rodelas em vinil (mas não diz que não ao CD nem às cassetes). Livros e filmes também fazem parte da ementa mais recorrente.



DR
©

JORGE REIS-SÁ

Jorge Reis-Sá nasceu em Vila Nova de Famalicão em 1977. Licenciado em Biologia, em 1999 fundou as Quasi Edições, que editou até 2009. Entre 2010 e 2013, foi editor na Babel. É, desde 2013, editor da Glaciar e d'A Casa dos Ceifeiros e consultor editorial de várias instituições e editoras. Estreou-se em 1999 com um livro de poemas. Desde então publicou poesia, contos, crónicas e romances, salientando-se neste último género *Todos os Dias* (2006) e *A Definição do Amor* (2015). Colabora desde essa altura com a comunicação social, tendo sido cronista da LER e da revista Sábado, entre outras publicações. Em 2009, organizou para a Porto Editora, com Rui Lage, a antologia de poesia portuguesa *Poemas Portugueses*. Os seus últimos títulos foram, na coleção *Retratos da Fundação* da Fundação Francisco Manuel dos Santos, *Campo dos Bargos – O futebol ou a recuperação semanal da infância*

(2022); na sua A Casa dos Ceifeiros (editora onde tem reeditado a sua obra), *A Hipótese de Gaia* (2022), com todas as suas ficções curtas – e com o qual venceu o Grande Prémio do Conto da Associação Portuguesa de Escritores – e *Prado do Repouso*, que reúne toda a sua poesia e foi vencedor do Prémio Literário Fundação Inês de Castro de 2025. Apresentou para a RTP3 os programas *Mil Vezes Camões* e *Mil Vezes Camilo*, cujas entrevistas estão reunidas em dois volumes também n'A Casa dos Ceifeiros. Frequenta o doutoramento em História e Filosofia da Ciência na Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, com uma tese sobre a história do estudo das extinções em massa. Vive em Lisboa.



© Joana Dillao

JOANA MEIRIM

Joana Meirim é professora no Departamento de Estudos Portugueses da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e investigadora do IEL na mesma universidade. Coorganizou, entre outros, *Florilégio* (não edições), (2023) e *Adília Lopes – do privado ao político* (Documenta, 2024). É autora de *O Essencial sobre as Três Marias* (INCM, 2023) e de *Uma carta à posteridade. Jorge de Sena e Alexandre O'Neill* (INCM, 2024).



© Alfredo Cunha

FERNANDO PINTO DO AMARAL

Fernando Pinto do Amaral (Lisboa, 1960) é escritor e professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Publicou cerca de 20 livros de poesia, ficção e ensaio, tendo recebido diversos prémios, entre os quais o Prémio Goya, em Espanha (2008). Foi entre 2009 e 2017 comissário do Plano Nacional de Leitura. Os seus livros mais recentes são *Última Vida* (poesia, Dom Quixote, 2023) e *Contos Suicidas* (Dom Quixote, 2025).



© DR

CARLA MACIEL

Carla Maciel, 50 anos, natural do Porto. Mestre em Estudos de Teatro na Faculdade de Letras de Lisboa. Em 1992 estreou-se em teatro na Companhia Seiva Trupe. Colabora desde 1998 com inúmeros encenadores como Gonçalo Waddington, Tiago Rodrigues, Miguel Loureiro, Rita Calçada Bastos, Pedro Penim, Ana Nave, Beatriz Batarda, Leonor Buescu, Gonçalo Amorim, Solveig Nordlung, Marco Martins, Miguel Seabra e Natália Luiza. Em 2019 encena, no Centro Cultural de Belém, *Confissões de um coração ardente* a partir da obra de Fiódor Dostoiévski. Desde 2002 participa em telenovelas e séries para RTP, SIC e

TVI. Integrrou o elenco de *Pepe Carvalho* em Espanha e *Maison Close*, uma série francesa. Em cinema trabalha com Miguel Gomes, Gonçalo Waddington, Filipa Reis e João Miller, Marco Martins, Gabriel Abrantes, José Nascimento, Jeanne Waltz, Tiago Guedes, Margarida Gil, Carlos Conceição, Solveig Nordlund e João Leitão e António Pedro Vasconcelos.



© DR

NUNO COSTA SANTOS

Nuno Costa Santos (1974), escritor e argumentista. Autor de *Melancómico*, personagem que vive entre a poesia e o humor. Autor em vários géneros – do romance à poesia, passando pelo teatro e pela crónica. Guionista em programas como *Zapping* e *Os Contemporâneos*. Coautor de filmes biográficos sobre autores como Fernando Assis Pacheco, Ruy Belo, Rui Knopfli, J. H. Santos Barros, Álvaro Oliveira e José-Augusto França. É coordenador do projeto Arquipélago de Escritores. Dá regularmente aulas de escrita literária.



© André Ferreira

MARIA CAETANO VILALOBOS

Poeta, performer e professora, é licenciada em Teatro pela Universidade de Évora e mestre em Artes Cénicas pela ESMAE. De poesia semeada na infância, é autora do livro e espetáculo *Mulher*,

Posso e Mando (Urutau, 2024) e do livro *Calmaria* (Nova Mymosa, 2025). Foi campeã nacional de Poetry Slam em 2024, tendo já participado em diversos eventos nacionais e internacionais, como o programa Got Talent Portugal e o Europe Slam. Atualmente é a apresentadora de *VOZ – O Poder da Palavra*, um concurso nacional de escrita e oratória para jovens.



© Silvano Lopes

MAZE

André Neves, mais conhecido como Maze no âmbito da cultura *hip-hop*, escolhe, desde os anos 90, a palavra como arma de intervenção. É membro fundador do coletivo Dealema, banda de culto do *rap* português no cativeiro desde 1996. No campo da palavra dita, tem investido na criação e gravação dos seus poemas e em apresentações ao vivo. Colabora atualmente, com o papel de facilitador, no projeto da escola de música urbana – *-Skoola*. Tem ainda dinamizado oficinas de escrita com alunos e professores do ensino secundário um pouco por todo o país.



© Paulo Otávio

MULECA XIII

Muleca XIII é uma rapper nascida e criada no Rio de Janeiro e residente em Portugal desde 2014. Depois de militar no *hip-hop* brasileiro durante toda a sua

vida, a mudança de país não esmoreceu a paixão que existia pelo *graffiti*, breakdance e principalmente pelo *rap*. A porta de entrada nas rimas aconteceu no coletivo de artistas Comando S.E.L.V.A 22 – e a longa caminhada fez-se através de «militância cultural nas favelas». Muleca criou nome com versos ácidos em rodas de *freestyle* e projetos com artistas portugueses.



© Leonor Fonseca

SIR SCRATCH

Sir Scratch é um nome de referência no seio do hip-hop nacional, seja como MC, host, *selecta*, ou compositor musical ao lado de NBC, HMB e Dino D'Santiago. Com três discos editados e a terminar o seu próximo trabalho de originais, tem também trabalhos em várias bandas sonoras, assim como em dobragens de filmes de animação dentro do universo Netflix, Disney e Fox. Especialista em *freestyle*, é considerado uma das melhores vozes do rap e do *spoken word* nacional.



© DR

ANTÓNIO CABRITA

Com 40 livros publicados, em distintos registos e géneros, com destaque para a ficção e a poesia, António Cabrita (1959) é hoje reconhecido como uma voz com presença indubitável no panorama

literário português. Jornalista e crítico durante décadas, depois de vinte anos emigrado em Moçambique, onde foi professor de Dramaturgia, voltou ao jornal Expresso em 2025, como crítico literário. Em 2018, foi-lhe atribuído o Prémio Pen Clube de Poesia, por *Anatomia Comparada dos Animais Selvagens*, tendo em 2025 voltado a ser finalista do Pen, com o livro *Death Can Dance*.



© Niuza Pinheiro

ANA ZORRINHO

Ana Zorrinho nasceu em Santiago do Cacém, em 1978. É licenciada em Direito pela Universidade de Lisboa. Escreveu, em 2019, *Histórias de Um Tempo Só*; em 2021, *Lá e*, em 2023, *Súbito*, editados pela Caleidoscópio Editora. Integra a coletânea de poesia *Poetas Pouco Originais do Medo*, em homenagem a Alexandre O'Neill, editada no âmbito do Festival Literário da Sertã, e a coletânea de Natal *Numa Rua Completamente às Escuras Movem-se Estes Versos*, editada pela Poética. Poetisa convidada pelo Turismo de Portugal para o projeto *Um país decantado pela poesia – Pairing Portugal*. Frequentou formações e workshops em teatro, sobretudo através da AJAGATO, designadamente com Mário Primo, Jean Paul Bouccieri, Nola Rea e Carlos Agudelo. Dirigiu dois grupos de teatro orientados para jovens, em Santiago do Cacém. Moderou apresentações de livros de Afonso Cruz, Bruno Vieira Amaral, Filipa Martins, João Tordo, Mário Lúcio Sousa, Paulo Pereira e Mário Loff. Tem sido convidada para eventos literários a nível nacional, como os Festivais Literários da Sertã – Maratona

de Leitura – e de Ovar. Integra, como escritora e narradora, o projeto LER África-Iberoamérica, em Cabo Verde, a convite de Mário Lúcio Sousa, ex-Ministro da Cultura do país. É narradora de audiolivros para a Leya, onde se incluem os romances *A Vegetariana* e *Despedidas Impossíveis*, da autoria da vencedora do Prémio Nobel da Literatura, Han Kang. De Alexandra Lucas Coelho, narra *A Noite Roda* e, de Mário Lúcio Sousa, *O Livro Que Me Escreveu*. Dá voz a textos de Dulce Maria Cardoso e Isabel Lucas integrados na exposição *People in Motion*, promovida pela Fundação Livraria Lello. Participa na conceção e como atriz no projeto de poesia em curtas-metragens, *Silêncios*, com a Script Factory.

MARIA JOÃO LUÍS

É atriz e encenadora. A última vez que esteve no Centro Cultural de Belém foi em junho de 2024, enquanto intérprete na peça *Mãe Coragem*, de Bertolt Brecht, com encenação de António Pires.



CC BY

FERNANDO CABRIL MARTINS

Foi professor na Universidade Nova de Lisboa. Organizou um dicionário de Fernando Pessoa e do Modernismo Português em 2008. Publicou os livros *Cesário Verde ou a Transformação do Mundo* (1988); *O Modernismo em Mário de Sá-Carneiro* (1994); *O Trabalho das Imagens* (2000) *Julio, o Realismo Mágico* (2005); *Introdução ao Estudo de Fernando Pessoa* (2014); *Mário Cesariny e o Virgem Negra* (2016) e *Cinzareia*, sobre Carlos de Oliveira (2021).



© João Silveira Ramos

PAULO PIRES

Paulo Pires trabalha como ator desde 1996 em cinema, teatro e televisão. Trabalhou em teatro com encenadores como Fernando Heitor, Maria Emília Correia, Carlos Avilez, João Lourenço, Rosa Coutinho Cabral, Ricardo Pais, entre outros; em cinema, com realizadores como José Álvaro de Moraes, José Fonseca e Costa, Mário Barroso, Joaquim Leitão, Giovanna Ribes, Carlos Saboga, Edgar Pêra, Sérgio Graciano e Fanny Ardant, etc. Destacam-se em teatro projetos como *Real caçada ao sol*; *A maçã no escuro*; *O gato que chove*; *Copenhaga*; *O deus da matança*; *Rock n'Roll* e *O filho*; em cinema destacam-se *Cinco Dias Cinco Noites*; *O milagre segundo Salomé*; *Un suave olor a canela*; *A uma hora incerta* e *Kaminhos Magnétikus*; em televisão, *Fuera de Control*; *Equador*; *Ein Sommer in Portugal*; *O Bairro*; *La Baronesa*; *Madre Paula*; *Olhos nos Olhos*; *Belmonte*; *A Herdeira*; *White Lines*; *Cacau* e *Codex 635*. Participou em espetáculos com base na poesia de Luiza Neto Jorge, Mário de Cesariny e em diversos recitais de poesia. Projetos a estrear brevemente: *Memórias do Cárcere* e *Ela olhava sem nada ver* (filmes); *Si es Martes*, es *Asesinato* e *Lisbon Noir* (séries).



© Leonardo Ladeira

ANTÓNIO DE CASTRO CAEIRO

António de Castro Caeiro (Lisboa, 1966) é professor de Filosofia Antiga na NOVA FCSH. Ensina a ler em grego, latim e alemão a quem tiver boa vontade desde 1990. Estudou na Alemanha, na Universidade de Husserl e Heidegger. Esteve na USP, na USF (USA) e no Oriel College em Oxford (RU). Pertence ao Grupo de Pesquisa em Filosofia Antiga do IFILNOVA. Traduziu Píndaro, Aristóteles, Trakl. Escreve ensaio. Tem divulgado filosofia em liceus e escolas, jornais, rádio, TV, podcasts – e até num filme. Apresentou o programa *É um Clássico* (RTP 3). Deu o curso no CCB *O que é a Filosofia?* (2020); o podcast (Spotify) deu o livro: *O que é a Filosofia* (Tinta-da-china, 2023). Pertenceu à banda mítica Mata Ratos. Pratica agora muay thai, mas é desde a adolescência que se dedica às artes marciais como às línguas antigas.

CUCHA CARVALHEIRO

No teatro, atriz várias vezes premiada, interpretou Sófocles, Eurípedes, W. Shakespeare, A. Tchekov, Tennessee Williams, Beckett, Brian Friel, Jean Genet, Eduardo De Filippo, Edward Albee, entre muitos outros. Encenou Eric- Emmanuel Schmitt, Ingmar Bergman, Tennessee Williams, Neil Simon e W. Shakespeare. Autora de versões teatrais de *Cândido* ou *o Optimismo*, de Voltaire (ed. MM) e *O Dia dos Prodígios*, de Lídia Jorge. *Está aí alguém?* (Ed. Cotovia) teve leituras encenadas na Mousson d'été 2001; na Mostra de Novo Teatro Português, em 2002, encenou *Comédie Française*. No cinema, trabalhou com João César

Monteiro, Jorge Paixão da Costa, Margarida Gil, Tiago Guedes e José Fonseca e Costa. Na TV, dobradora, atriz e director de atores em séries e novelas. Foi Diretora Artística da NBP (atual PLURAL), entre 2002 e 2004, e Diretora do Teatro da Trindade, entre 2009 e 2013.



© Miguel Vale Almeida

RUI ZINK

Rui Zink (Lisboa, 1961) é escritor e professor. O seu livro mais recente, já em 14.^a edição, é *Olga salva o mundo*.



© DR

uliarud uliarud

Nascido em Lisboa, é um artista multidisciplinar, que cria um universo de texturas padrões e movimentos usando um antigo retroprojektor (*liquid light show*). Também faz ilustrações onde as usa para fazer composições visuais.



© DR

LÚCIA EVANGELISTA

Lúcia Evangelista tem concentrado sua pesquisa nas poéticas modernas e contemporâneas do Brasil e de Portugal,

assim como aos estudos interartísticos e nas interseções entre Estética e Política. É doutora em Estudos Literários, Culturais e Interartísticos pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto com uma tese dedicada à obra de Alberto Pimenta. É mestre em Estudos Literários, Culturais e Interartísticos pela mesma Instituição. Foi bolsista de pós-doutoramento do projeto *Contextos Críticos do Modernismo e do Surrealismo em Portugal* (Universidade de Lisboa).



© Miguel Menezes

LUÍS FRANÇA

Membro do coletivo gráfico *O Homem do Saco* e editor da pequena *momo*, publica autores que desarrumam a língua, como Alberto Pimenta, Alfred Jarry, Kurt Schwitters, Lautréamont, Tó Carlos e Rabelais. Faz leituras do que gosta, como Ursonata (Schwitters), Galáxias (Haroldo de Campos), aMáliu Cojtu e Alberto Pimenta. Provedor dos Pequenos Prazeres do Instituto Olissiponense de Patafísica, integrou ainda A Favola da Medusa em alguns concertos e no álbum *Glossolalia*. Vive da farmácia hospitalar, entre cuidados intensivos e antibióticos, poema desusado mas vivo.



© Ana Filipa Correia

MARIA LIS

Maria Lis vive em Lisboa, onde brinca, desenha, canta, troca as voltas ao tempo e congemma revoluções. Autora de *Turbulenta Forma* (Língua Morta, 2023); *Enclave* (Língua Morta, 2024) e *Um saco de ossos* (Língua Morta, 2025). Desenhou para *Quando Onde* (Tigre de Papel, 2022), *Vestuário contra as mulheres* (Edições Cutelo, 2025) e para a capa de *Convocação* (Língua Morta, 2024).



© DR

MARCO OLIVEIRA

Marco Oliveira nasceu a 24 de janeiro de 1988, em Lisboa. Músico, poeta e compositor com raízes no fado, atuou em teatros e festivais por todo o mundo: Espanha, França, Suíça, Irlanda, Bélgica, Dinamarca, República Checa, Polónia, Arábia Saudita, Cabo Verde e Estados Unidos da América são alguns dos países que fazem parte do seu percurso. Conta com cinco álbuns editados: *Retrato* (2008); *Amor é água que corre* (2016); *Ruas e Memórias* (com produção musical de José Mário Branco em 2019; disco do ano no jornal *Ípsilon - Público* em 2021); *Uma Noite em Lisboa - ao vivo no São Luiz* (2023) e *Caminho é quanto fica da viagem* (2026). Enraizado na cultura e na vivência da música tradicional da sua cidade, estudou guitarra clássica no Conservatório

Nacional entre 2003 e 2006 e frequentou a Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, abandonando mais tarde o curso de Estudos Clássicos por questões profissionais. Em 2024, recebe o Prémio Compositor na 8.ª Edição da Gala de Fado da Voz do Operário. Em 2026, edita o novo álbum *Caminho é quanto fica da viagem* com produção musical do guitarrista José Peixoto.



© Carlos Paes

JOSÉ PEIXOTO

É um guitarrista e compositor português com mais de duas dezenas de discos gravados em nome próprio, a solo ou em projetos partilhados. Guitarrista de formação clássica e músico profissional desde o início dos anos 80, transitou sempre com naturalidade entre a música erudita, o jazz e a música popular. Foi durante 13 anos membro de Madredeus, integrando um dos mais marcantes projetos da música portuguesa contemporânea. Concluiu, em 1981, o Curso Geral de Guitarra na Academia de Amadores de Música de Lisboa, onde lecionou entre 1982 e 1992, prosseguindo paralelamente os seus estudos com o professor Piñeiro Nagy. Em 1980 frequentou o 1.º ano do curso de Arquitetura na ESBAL (Escola Superior de Belas Artes de Lisboa), tendo optado por abandonar a formação académica para se dedicar exclusivamente à música. Afirmou-se também como arranjador, produtor e compositor em diversos géneros musicais. Integrou, como alaudista, o grupo de música antiga La Batalla, com o qual gravou o disco *Cantigas de Amigo*.



© Luana Santos

SARA DE CASTRO

Sara de Castro é formadora, atriz e criadora. Formadora nas áreas de Dramaturgia e de Técnicas Performativas, atualmente é professora da disciplina de Voz na ACT – Escola de Atores. A sua mais recente criação, *Justiça Cega*, estreou em janeiro de 2026 no S. Luiz Teatro Municipal. Sara de Castro tem estado ligada a projetos artísticos, realizados de forma colaborativa com outras mulheres, de comunidades diversas, que refletem sob violência e desigualdade de género numa perspectiva de transformação social, política e artística.

LISTA DE ALUNOS PARTICIPANTES (ACT)

Alexandra Pestana, António Cardoso, Beatriz Cabo, Carolina Cardoso, Carolina Lopes, Diogo Vitorino, Lara Caiado, Lucas Melo, Pedro Cortez, Rita Boavida, Sara Alves e Tomás Gabriel

Agradecimentos:

Alex Cortez (A Palavra)

André Caldeira (Produções Fictícias)

Bruno Sambado (Tale House)

Cristina Gonçalves (Act)

Patrícia Vasconcelos (Act)

Rui Miguel Ribeiro (Edições do Saguão)

«Como naquele poema do Miguel Manso que diz “estão a construir um bar / e começaram pela música”, é pela poesia que a comunidade começa.»

Nuno Artur Silva

«O som que os versos
Fazem ao abrir»

Emily Dickinson Tradução de **Ana Luísa Amaral**

Recortar, fotografar, gravar ou escrever os poemas, ou só os versos, que vamos lendo e de que gostamos ou os que nos causam uma qualquer perturbação. Registá-los em suportes diversos, o mais diversos possível.

Experimentar agrupá-los por temas, motivos, filiações, coincidências. Fazer ligações, sequências.

Deixá-los respirar.

As árvores nas florestas ligam-se de formas misteriosas. Há uma vida secreta nas florestas que nós não percebemos, uma linguagem de árvores.

Acredito que os poemas se ligam como as árvores numa floresta, abrindo uns para os outros o seu mistério numa linguagem secreta. Tal como as árvores nas florestas, o que os poemas nos livros libertam é-nos essencial para a vida. O sonho que os versos fazem ao abrir.

Como Fazer Uma Antologia Pessoal de Poesia, **Nuno Artur Silva**



SUBSCREVA A NEWSLETTER CCB

GARANTA O MELHOR LUGAR



ccb.pt/newsletter

PARA UMA ANTOLOGIA PESSOAL DE POESIA

(não esquecer de ter sempre o seu lápis à mão)

Anotações

Versos ouvidos a reter

Nomes de livros

Observações

Pormenores de extrema importância

Irrelevâncias várias

Uma Cidade. Um Museu. Tantos Palcos.

One City. One Museum. So many Stages.

Entrada gratuita Free admission

MAC/CCB

Museu de Arte Contemporânea MAC/CCB e Centro de Arquitetura

MAC/CCB Museum of Contemporary Art and Architecture Centre

30% desconto 30% discount

Espetáculos CCB CCB Performing Arts

Estacionamento Gratuito Free parking

Em visitas ao museu, espetáculos ou compras superiores a 20€

For museum visits, performances, or purchases over €20

Convite para um espetáculo Invitation to a performance

Inaugurações, Eventos e Visitas Exclusivas às Exposições

Exclusive Openings, Events and Visits to Exhibitions

Desconto Discount

Lojas e Restaurantes CCB

CCB Stores and Restaurants

Newsletters exclusivas

Exclusive Newsletters



Cartão CCB

Descubra as vantagens em ccb.pt/cartao

Discover the advantages at ccb.pt/cartao